

Vol. II

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Coordenação de Jorge de Oliveira



Memórias
da Freguesia
de Santa Maria
de Marvão

Vol. II

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Vol. II

Coordenação de
Jorge de Oliveira

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão

Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri

Título
**MEMÓRIAS DA FREGUESIA DE
SANTA MARIA DE MARVÃO**
(Número especial 2026 da Revista <<IBN MARUÁN>>)

Vol. II

Edição
Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação
Jorge de Oliveira

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus autores

Design Gráfico e Paginação
Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Tratamento Gráfico da Capa
Raul Ladeira

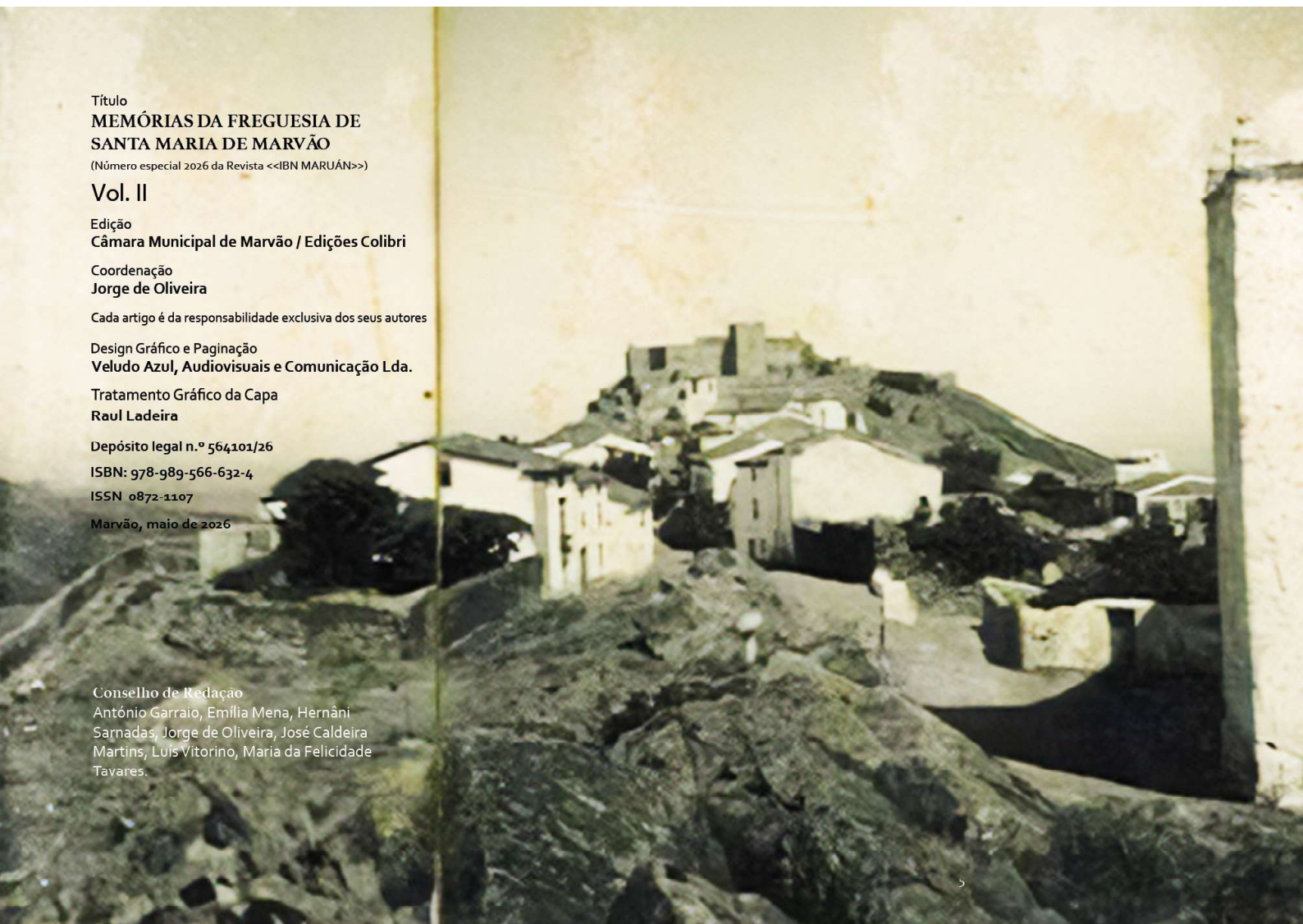
Depósito legal n.º 564101/26

ISBN: 978-989-566-632-4

ISSN 0872-1107

Marvão, maio de 2026

Conselho de Redação
António Garraio, Emília Mena, Hernâni
Sarnadas, Jorge de Oliveira, José Caldeira
Martins, Luís Vitorino, Maria da Felicidade
Tavares.



Quando eu o conheci, não sei se o senhor Andrade ainda continuava com essas incursões de mochila às costas por esses mangorriais espanhóis e se as duas vacas leiteiras que tinha na cabana eram uma forma de encobrir labores que a lei não permitia.

Ora calhou que, numa noite de inverno, uma das vacas adoeceu. Não é que fosse tarde; no inverno as noites chegam cedo. Mas era uma noite fria, de chuva miudinha, nada convidativa a fazer sair de casa um paisano. Lá desci o morro de Marvão direito aos Galegos, que o caminho pela Torre não era o que é hoje, e apresentei-me a examinar a moléstia do bovino.

Depois de amezinhado o animal do modo que me pareceu o mais acertado e preparando-me para voltar para o carro, o senhor Andrade veio pedir-me, já que lá estava, para ver se a novilha, a parceira da doente, estava prenha.

– Um diagnóstico da gestação a estas horas? É que tinha de me despir, socorrer-me de um fato de borracha próprio para aquela função, – e se a borracha é fria ... –, vesti-lo ao ar livre debaixo daquela morrinha ...

Por dentro contrariado, mas ... cara alegre e vamos a isso! É a vida.

A via para se proceder a este exame não é das mais limpas nem das que deixa respirar agradáveis odores. Com o braço lubrificado introduzido reto adiante, logo apalpei um útero pequeno com dois cornos que quase me cabiam na palma da mão.

Tirei o braço do quentinho do ventre do animal, descalcei a luva e, quase tapados pela mitra, dei com os belos olhos azuis-claros do senhor Grilo expectantes à procura do meu veredito:

– Então, senhor doutor, está prenha?

Afiveleri um ar pesaroso julgando que o ia desiludir:

– Olhe, senhor Andrade, está tão prenha como eu.

Então todo o rosto do contrabandista se iluminou e tanto que, entusiasmado, quis saber mais:

– E é macho ou é fêmea?

Razão tinha a minha mãe que tanto me repreendia por “eu nunca falar como a outra gente”...



IC PAX IC CRIS, A INSCRIÇÃO CRISTÃ DA RUA DO CASTELO

Ao cimo da Rua do Castelo, do lado direito, na fachada da última casa, exhibe-se um bloco de granito onde se encontra gravada uma inscrição que, pela singularidade, desperta a curiosidade aos locais e forasteiros menos informados. Foi esta casa comprada na década de 30 e reabilitada nos inícios dos anos 50 do século XX, por Manuel do Carmo Peixeiro, natural da Covilhã, licenciado em Engenharia Têxtil e criador do ponto das célebres tapeçarias murais de Portalegre. Alguns anos após a reabilitação desta casa o proprietário recolheu e decorou o seu jardim com vários pelouros em granito, que se dispersavam pela vila de Marvão e arredores. Alguns anos mais tarde terá mandado gravar em bloco de granito bujardado a inscrição que aqui queremos historiar.



Casa da Rua do Castelo com a cópia da inscrição alto-medieval.

Reproduz-se, ampliada, nesta pedra, a inscrição que se encontrava gravada numa telha recolhida pelo Coronel e Arqueólogo Afonso do Paço, em 1949, no Povoado da Alta Idade Média do Monte Velho, situado na Freguesia da Beirã. Este arqueólogo, a convite da Câmara de Marvão, à data presidida

por Manuel Vivas, promoveu uma breve campanha de escavações arqueológicas no Povoado do Monte Velho, no decurso da qual identifica uma casa retangular com duas divisões. Na da entrada descobre vários recipientes de cerâmica, um deles ainda contendo milho painço, que por estar carbonizado se preservou, e um cinzel em

ferro. Na segunda divisão terá funcionado uma forja de ferro. Seria esta casa coberta com telha grossa, maioritariamente decorada com incisões pré-cozedura, umas obtidas com instrumento pontiagudo e outras pela passagem do dedo do oleiro. Vários tipos de decoração apresentavam, tais como linhas paralelas, figuras geométricas e pentalfas. Por entre os fragmentos de telhas, a maioria apresentando sinais de fogo, Afonso do Paço recolheu um fragmento de telha seccionado em três partes que apresentava uma inscrição obtida por instrumento pontiagudo, em latim fonético, entenda-se, latim bárbaro, onde se lê: (H)IC PAX (H)IC C(H)RIST(VS), isto é, Aqui seja (ou esteja) a paz, aqui seja (ou esteja) Cristo.



Cópia da inscrição alto-medieval.

Trata-se, portanto, duma inscrição cristã gravada sobre uma telha, em fase pré-cozedura, através da qual se pede paz e proteção de Cristo. Paralelamente, no mesmo telhado, pelo menos outro símbolo igualmente apotropaico está representado, um pentalfa.

O extenso Povoadado do Monte Velho, tal como mais uma dezena destes

povoados que conhecemos na área do concelho de Marvão terão emergido na sequência da pulverização da Cidade Romana da Ammaia, que terá ocorrido por volta do Séc. VI. Alguns destes povoados conseguiram subsistir com ocupação até aos nossos dias, como é o caso da Ranginha e da Asseiceira, mas outros terão sucumbido logo à data da chegada das gentes seguidoras de Maomé e de forma menos pacífica, como terá sido o caso do Monte Velho. Pela descrição que Afonso do Paço nos faz da sua escavação percebe-se que a casa por ele identificada foi abandonada precipitadamente e incendiada, resultante dum provável assédio militar. Podemos confirmar a dedução de Afonso do Paço, porque no mesmo povoado, em parte nossa propriedade, identificámos há várias dezenas de anos, um forno de cerâmica ainda cheio de telhas, maioritariamente decoradas, em fase de cozedura, o que demonstra que houve um abandono precipitado desta povoação.



Telha com a inscrição cristã do Monte Velho (Foto de Afonso do Paço)

IC PAX IC CRIS

Decalque da inscrição cristã do Monte Velho (segundo Afonso do Paço)

Os materiais arqueológicos identificados por Afonso do Paço foram guardados numa das casas da alcáçova do Castelo de Marvão e destinavam-se, tal como ele tanto desejou, à criação dum museu nesta vila. Entre esses materiais, maioritariamente cerâmicas, encontrava-se a telha com a inscrição cristã que eu, ainda muito jovem, tive oportunidade de ver quando o meu pai me quis mostrar o que se tinha encontrado na nossa propriedade do Monte Velho. Quando, em 1985, a convite da Câmara de Marvão, à data presidida por António Andrade, iniciámos a montagem do Museu Municipal de Marvão, na Igreja de Santa Maria, recolhemos todos as peças que se guardavam nas casas do castelo, mas essa telha, infelizmente, já lá não se encontrava, desconhecendo-se, portanto, o seu paradeiro.

Subsiste, contudo, a reprodução da inscrição, em suporte granítico, aposta na fachada da casa comprada e recuperada por Manuel do Carmo Peixeiro. Quem a mandou gravar e aplicar na parede terá, tal como quem habitou na casa do Monte Velho, procurado paz e proteção de Cristo na sua residência. Repetem-se, assim, passados mais de 1300 anos os mesmos símbolos apotropaicos no concelho de Marvão, IC PAX IC CRIS.



Referências Bibliográficas:

Oliveira, J. de; Pereira, S.; Parreira, J. (2007); Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão, *Ibn Maruán nº24*, Colibri / C.M. de Marvão.
Paço, Afonso do (1949); Inscrição Cristã do Monte Velho (Beirã – Marvão), *Brotéria*, Vol. XLIX, Fasc. 1.



Ibn Maruán

António Escarameia

UM SEMINÁRIO MAIOR EM MARVÃO, A UNIVERSIDADE DO CALHAU

Quem havia de dizer que a "Mui Nobre e Sempre Leal Vila de Marvão", com o seu castelo altaneiro e solitário, como coroa no topo da Serra do Sapoio a tocar o céu azul, havia de ver instalado dentro dos seus muros, um Seminário Maior!

Seminários Maiores são instituições da Igreja, equivalentes a universidades, que acolhem os alunos que estão na última etapa da sua formação para o sacerdócio.

Vem a propósito um pouco de história sobre os Seminários da Igreja católica. Os Seminários são criação da Igreja, no Concílio de Trento, em 1545-1563. Este Concílio, convocado pelo Papa Paulo III, procurou reformular a disciplina eclesiástica, reafirmar alguns dogmas da doutrina católica que estavam a ser contestados pelo movimento protestante nascido na Alemanha, bem como assegurar a unidade da Igreja Católica muito dividida na Europa. Podemos dizer que foi uma adaptação da Igreja aos tempos modernos que se viviam na Europa do século XVI.

O clero da época possuía uma formação muito precária recebida nas escolas das catedrais e nas poucas escolas paroquiais existentes. Muitos sacerdotes ascendiam às ordens sacras sem uma preparação mínima, quer intelectual quer espiritual, bastando-lhes aprender a ler o latim. Era imperiosa a criação de escolas específicas para dar resposta a esta necessidade da Igreja: a preparação e formação moral, espiritual e científica dos aspirantes ao sacerdócio. É neste contexto que aparece a criação dos Seminários, pelo Concílio de Trento, realizado na cidade italiana que lhe deu o nome.

Em Portugal, como nos outros países, desde então, todas as dioceses foram construindo os seus Seminários, para formarem os jovens aspirantes ao sacerdócio, desde os tenros anos de preparação educativa e científica, até ao final do curso teológico e consequente ordenação sacerdotal. Nos nossos dias, a idade de entrada nos Seminários alterou-se na maioria das dioceses, devido ao número reduzido de candidatos e custos na manutenção dos Seminários. Os candidatos existentes são aconselhados a frequentarem o ensino público, ingressando depois no Seminário, com a frequência dos cursos de filosofia e teologia das universidades católicas.